



A SIMBOLOGIA HERÁLDICA DA FAMÍLIA SUCKOW DO MECKLENBURGO

Por FLAVIO JOPPERT

INTRODUÇÃO

Data de 1792 a nobreza da família von Suckow. Naquele ano, uma carta imperial de nobreza concedia brasão de armas aos irmãos Joachim August Bernard, Vitor Peter Gerhardt e Gottfried August. O escudo desta família é em um campo de prata um urso negro rompante, à sinistra de uma árvore, sobre três montes de verde. Não se sabe o que motivou a nobilitação, o certo é que no ano de 1793 o Grão Duque de Mecklenburgo reconhece a mesma.

A família logo foi bem recebida no seio da nobreza. Tendo participação na vida militar germânica e internacional. Entre as alianças de matrimônio pode-se lembrar que os von Suckow casaram-se com *senhoras de muito boa nobreza como por exemplo: baronesa de Maltzahn, baronesa de Lützow, baronesa de Späth, senhoras von Thadden e von Reeden e baronesa de Dincklage*, conforme carta de Edgar Hans Brunner de 10 de setembro de 2001.

Já as senhoras da família von Suckow tiveram a oportunidade de se casarem com senhores das famílias: von Köller, conde de Holnstein, von Wiedebach, barão de Fritsch, barão



FLAVIO JOPPERT

de Lützow, von Oertzen, von Bassewitz, von Dücker, conforme fotocópia do «*Genealogischen Handbuch des Adels*», em carta de Bodo von Suckow de 25 de agosto de 1996.

Foram muitos os membros da família que morreram em combate durante a Segunda Guerra Mundial, havendo inclusive um desaparecido na Frente Russa: Otto Alexandre Achaz Rudolf Kurt Deodat von Suckow, sub-oficial, que manteve viva a esperança de um retorno à casa paterna. A irmã do Otto, Charlotte, manteve viva a memória da família, e em narrativas informou ao primo Ricardo Joppert o histórico, em caligrafia românica e em alemão gótico.

É um plural a existência de homônimos Suckow. Mas a prima Charlotte apresenta uma história que remete a uma linhagem que renova a nobreza pelos séculos.

Charlotte narrava uma lenda, que me transmitiu o primo Ricardo, de que um Suckow teria salvo o Imperador na Idade Média ao matar um urso que saía da floresta para atacar o mesmo monarca. Não me recordo a data, nem os nomes, mas a lenda é viva em minha mente. Curioso, é comum encontrar o urso nas armas dos Suckow. Inclusive em ramo extinto que brasonava com duas cabeças de urso, especificamente os Suckow de Wolgast.

A SIMBOLOGIA BÍBLICA

Há uma lenda na família, um urso sai da floresta, encontra o Imperador no caminho e o ataca. Nisso um membro da família mata o urso, este membro já estava na comitiva, o que de certo modo permitia que ele gozasse de nobreza. Não foi o ato de matar o urso e salvar o imperador que nobilitou a família, curioso é, pois, a família é sempre nobilitada nos anos renascentistas e barrocos.

Seguindo a óptica de «*O corvo na simbologia heráldica dos Peixoto*» existem imagens bíblicas que podem remeter a uma construção de idéia. Ora, mas o brasão dos von Suckow é do arcadismo, e seguir a linha do artigo proposto é afirmar que



ainda em 1792 havia o imaginário bíblico e religioso no escrítorio heráldico do Imperio Austro-Húngaro.

Vejamos o que a bíblia em suas onze passagens, que remetem a ursos, permite fazer com a exegese.

«E Davi disse a Saul: O teu servo apascentava o rebanho de seu pai, e vinha um leão ou um urso, e levava um carneiro do meio do rebanho, e eu corria atrás dêles, e feria-os, e arrancava-lhes (a prêsa) da goela; e êles levantavam-se contra mim, e eu agarrava-os pela goela, e os estrangulava e matava. Foi assim que eu, teu servo, matei um leão e um urso; será, pois, também êste Filisteu incircuncidado (Golias) como um deles.» (1Rs 17.34-36a)

Nesse relato, há a nítida imagem e relação do urso com violência, sendo o urso violentado o foco do narrador, por representar o homem vitorioso o que mata o urso. Vence-se o animal forte.

«E Davi acrescentou: O Senhor, que me livrou das garras do leão e das do urso, livrar-me-á também da mão dêste Filisteu (Golias).» (1Rs 17.37a)

Na seqüência, o urso é exemplo de providência divina, se Deus o livrou das garras do urso também irá livrar Davi das mãos de Golias. Isso numa questão de lógica e de confiança, o homem que matou, ou foi salvo, ou sobreviveu a um urso é nitidamente possuidor da benção divina.

«E Cusai acrescentou mais: Tu sabes que teu pai, e a gente que está com êle, são uns homens valentíssimos, e que estão com o coração amargurado, como uma ursa que discorre enfurecida pelo bosque, por lhe terem roubado os cachorrinhos.» (2Rs 17.8)

Nessa passagem, não é mais um urso o protagonista da história bíblica, mas tem-se uma ursa que em seu cuidado e proteção para com os filhotes é lembrada. A violência da ursa é conhecida quando em cuidados com a prole.

«... e indo pelo caminho, uns rapazes pequenos, saíram da cidade, e zombavam dêle, dizendo: Sobe, ó calvo, sobe, ó calvo. Eliseu, virando-se para êles, olhou-os e amaldiçoou-os.» (2Rs 23.1)



FLAVIO JOPERT

ou-os em nome do Senhor; e saíram dois ursos do bosque e despedaçaram quarenta e dois daqueles rapazes.» (4Rs 2.23b-24)

A passagem de Reis remete ao urso como instrumento de justiça divina. Numa maldição, os anjos de Deus empregados para cumprir tal intenção foram dois ursos. A imagem do urso orbita entre a maldição e a justiça divina.

«É melhor encontrar uma ursa à qual foram roubados os seus filhinhos, do que um insensato que se fia na sua loucura.» (Pv 17.12)

A passagem dos Provérbios narra uma comparação, sem necessidade de maiores explicações sabe-se que a fúria justificada é melhor que a obstinação de um louco. Utiliza-se aqui uma ursa como promotora da metáfora.

«Como um leão que ruga, e um urso faminto, assim é um príncipe ímpio sobre um povo pobre.» (Pv 28.15)

Emprega-se nessa passagem o urso, é uma passagem que iguala o urso faminto ao ímpio, ao opressor, ao tirano. O urso faminto é a força de um tirano, ou melhor o tirano faz tanto mal ao seu povo pobre como um urso faminto faria a um ser humano.

«O novilho e o urso irão comer às mesmas pastagens; as suas crias descansarão umas com as outras.» (Is 11.7a)

Relato do Reino de Deus, aqui a promessa de conversão do lobo se representa no urso. Seria o oitavo dia da criação quando a natureza encontrará a paz no seu Criador? O certo é que o urso outrora tido como mal, e ainda no futuro lembrado da mesma forma, em seu íntimo é criatura de Deus, e obediente a lei do mesmo criador está vocacionado à paz.

«E vi outro animal semelhante a um urso, que se pôs ao seu lado, o qual tinha três ordens de dente na sua boca, e diziam-lhe assim: Levanta-te, come carne em abundância.» (Dn 7.5)



Visão que mostra já o urso travestido em besta fera. Essa metamorfose será retomada em Apocalipse. Seria difícil uma congruência do contexto dessa passagem com os símbolos evangélicos. Os primeiros apelam para a monstruosidade enquanto os segundos dão a imagem de simbologia harmônica em união com a visão e pregação dos evangelhos.

«Como se um homem fugisse de diante dum leão, e lhe saísse ao encontro um urso, ou como se, tendo entrado em casa e segurando-se com a sua mão à parede, o mordesse uma cobra (assim será inevitável o castigo de Deus).» (Am 5.19)

Retorno a imagem do profeta Eliseu. Neste episódio o urso é de novo um castigo, para o qual não há escapatória. Ou melhor a imagem do castigo de Deus é tida como semelhante a um urso que lhe persegue.

«Eu lhes sairei ao encontro como uma ursa a quem roubaram os seus cachorros, e lhes rasgarei as entranhas até ao coração; e ali os devorarei como um leão; as feras do campo os despedaçarão.» (Os 13.8)

Neste vaticínio, ou memorial punitivo, Deus mesmo se compara a fúria da ursa, veja bem da ursa, para representar sua fúria. É um retorno à passagem dos Provérbios citada linhas atrás.

«E a besta que vi era semelhante a um leopardo, e os seus pés como pés de urso, e a sua bôca como bôca de leão» (Ap 13.2a)

Por fim, numa imagem monstruosa o urso é então, como que numa quimera, parte da Besta Apocalíptica. A pata do urso, realmente o que há de violento, é principal fonte de ataque deste animal, está compondo a Besta. Retorno à profecia de Daniel, em parte, traz o urso em sua monstruosidade.



Utilizando-se de ferramentas estatísticas é possível construir uma tabela que permite dissecar o resultado da análise bíblica, com a tabela a frente, perceba que:

TABELA DE CONFRONTO DE IMAGENS BÍBLICAS

	1Rs	1Rs	2Rs	4Rs	Pv	Pv	Is	Dn	Am	Os	Ap
Urso	X	X		X		X	X	X	X		X
Ursa			X		X					X	
Ira			X						X	X	
Benção	X	X					X				
Maldição				X	X	X		X			X

- 1) Em onze aparições somente três são de ursos.
- 2) A ira apresenta-se com três aparições, sendo uma das quais com urso e duas das quais com ursa.
- 3) As imagens que remetem a relação entre urso e benção são apenas três, e elas se dão com ursos machos.
- 4) Já a maldição aparece com cinco aparições, nela apenas uma única ocorrência é para ursa.
- 5) Estão as ursos relacionadas ou com a ira ou com a maldição, num crucial detalhe que, em sua totalidade, elas atendem a imagens de fúria.
- 6) Os ursos machos se dividem quase a metade, são três machos em imagens de benevolência e cinco em imagens de fúria.
- 7) As ursos tem uma maioria simples na sua presença no comportamento de ira, deixando a maldição para uma maioria de machos.

Pode-se concluir que com 72,73% de ocorrência em valores percentuais aproximados as imagens bíblicas remetem os ursos a uma simbologia de fúria, dividida em classes de ira e maldição. Somente 27,27% das aparições são correlatas aos ursos e a benção.



A REALIDADE HERÁLDICA

O urso negro apresenta-se em escudos municipais como os de Berlin e o de Madrid. A semelhança é mais concreta entre as armas municipais de Madrid e a heráldica dos von Suckow do Mecklenburgo. As duas únicas diferenças para os dois braços são a bordadura de azul com sete estrelas de prata, e os frutos do madroño, presentes nas armas de Madrid e ausentes nas armas dos von Suckow.

Se no artigo «*Crítica a uma Metodologia Heráldica*» chamou-se a atenção para o fato e princípio da convergência adaptativa, aqui mais uma vez ele é ressaltado, pois não se sabe ao certo o que levou a essa semelhança de imagens.

A verdade é que os irmãos von Suckow são nobilitados, ou melhor, recebem carta de armas após o casamento de Joachim August Bernard com a Senhora Katharina Dorothea Hedwig Oldenburg. O casamento ocorreu em 4.6.1779, na cidade de Wustrow. Gustavo Joppert transcreve as informações do «*Gothaer Adligen Taschenbuch*» Briefadel, ano de 1912. Katarina foi batizada em Gross Walmstorf em 11.1.1763, faleceu em Doberan em 23.10.1827.

A prima Charlotte informa por carta ao primo Ricardo que Joachim foi o Presidente da Polícia do Mecklenburgo. Efetuando um brilhante trabalho de combate aos ladrões, marginais. Informa também que Joachim era um Grande Bailio. Como um grande final termina por informar que Katarina era membro feminino da família Oldenburg, e por isso membro feminino da alta nobreza.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir que a carta de armas foi concedida por causa do casamento, com a informação prestada pela prima von Suckow, foi possível reconhecer como da família Oldenburg e da nobreza a Senhora Katarina Dorothea Edwig. Ela até então está desentroncada, e a carta da Charlotte é o docu-



FLAVIO JOPPERT

mento que permite relacioná-la com a alta nobreza, até o presente momento.

O fato de ter sido Joachim o Presidente da Polícia do Meclenburgo. De ter tido um comportamento violento no combate aos ladrões e malfeitores. Pode, isso tudo, permitir supor que por tal motivo lhe passaram armas com um urso, animal que bíblicamente simboliza a violência, a fúria.

Não se pode esquecer que as referidas armas foram concedidas num período que dominava o arcadismo. O escudo é bem bucólico. Um urso subindo em uma árvore sobre uma relva verde. Imagem do campo, vida na terra, natureza palpável. Decidir se foi a fúria bíblica que e policial que inspiraram tais armas, ou se foi uma visão arcade na heráldica que permitiu tal concessão é impossível, são, pois, verdadeiras as duas naturezas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORRESPONDÊNCIA: Da Senhorita Minette Elisabeth Marie Charlotte von Suckow para o Conselheiro Ricardo Joppert.
— Do Senhor Bodo von Suckow para Flavio Joppert.
— Do Senhor Edgar Hans Brunner para Flavio Joppert.
- ESCUDO DE MADRID (2005): http://es.wikipedia.org/wiki/Escudo_de_Madrid.
- JOPPERT, F. (2004): «O corvo na simbologia heráldica dos Peixoto», *HIDALGUIA* 303, 263-271.
— 2005: «Crítica a uma metodologia Heráldica», *HIDALGUIA* 309, 155-176.
- JOPPERT, G. (1991): *Os Joppert de Osterholz*, Cópia Particular, Rio de Janeiro, 104 p.

